



Ricardo Neves-Neves explora os lugares-comuns nacionais, Nossa Senhora de Fátima incluída

A caminho do Quinto Império

Crítica de teatro

A Reconquista de Olivença



De Ricardo Neves-Neves e Filipe Barroso. Enc. Ricardo Neves-Neves. Lisboa, São Luiz Teatro Municipal. 6/02. Lotação esgotada. Até 16/02.

Está tudo explicado: Espanha só decidiu anexar Olivença em 1801 porque lá, escondida numa igreja, estava a sétima bola de cristal, artefacto sem o qual Portugal não poderia reconstruir o corpo do dragão surgido numa aparição ao rei Afonso I durante a Batalha de Ourique, assim juntando os objectos mágicos capazes de impedir o Juízo Final e realizar o Quinto Império e deixar o país a mandar nisto tudo. Confuso? Ora, ainda nem apareceu Nossa Senhora, nem o Bandarra, quanto mais a campeã de videojogos macaense e Mary Poppins.

O que move a acção da comédia musical *A Reconquista de Olivença*, engendrada por Ricardo Neves-Neves (n. 1985) e pelo compositor Filipe Raposo (n. 1979) – repetindo a frutuosa colaboração em *Banda Sonora* (2018) –, espectáculo pejado de influências e referências à cultura pop a que não faltam uma espécie de momento Marvel nem Bip Bip e o

Coite; e o que move a acção, escrevia, para além de uma refinada e desabrida invenção da História, acontece uns séculos depois. Estava a actual Rainha de Portugal (Sílvia Filipe) a dormir, quando, sem aviso, uma Nossa Senhora e o poeta-profeta Bandarra lhe invadem o sonho para informar que o Apocalipse está marcado para o seu reinado. Para o impedir, como no *Dragon Ball* inspirador desta rábula, é preciso conservar a posse das sete bolas de cristal. O que tem de ser feito depressinha, pois os espanhóis já estão a caminho.

Dirigindo o espectáculo como um circo de três pistas, sempre em movimento, rodopiando como um caleidoscópio, as canções a surgirem no sítio certo, a música acentuando as trapalhadas mas também os momentos de ternura – como quando as infantas de Portugal e Espanha se embeicam e os infantas das duas nações caem nos braços um do outro –, Neves-Neves usa o absurdo, até o bizarro, para explorar os lugares-comuns característicos dos nacionais, seus mitos históricos e ódios de estimação – sejam eles D. Sebastião ou Beatriz Costa ou, genericamente, os espanhóis –, com grande contribuição do imaginativo cenário de Catarina Barros e da firme direcção de orquestra pelo maestro Cesário Costa.

Voltando ao assunto. Para vencer Espanha nesta demanda, a Rainha

precisa de aliados. Que encontra, logo que cruza o Tejo e negocia com os representantes da Margem Soviética, entretanto inspirados por uma aparição de Álvaro Cunhal. Convence o Califa de Alcácer do Sal (David Pereira Bastos), as Nossas Senhoras de Fátima, de Guadalupe e de Lourdes (Sandra Faleiro, Tânia Alves, Teresa Coutinho), saca o apoio do Imperador da China e, por conta do Tratado de Windsor, de Inglaterra. E lá vai esta tropa muito fandanga a caminho do Alentejo, em carro eléctrico e séquito de trotinetas, até chegar a Vila Viçosa, onde, depois de um piquenique, prepara o ataque final. E, quando, depois de muitas peripécias, raptos e incursões africanas, estava tudo a correr tão bem, eis que o inimigo abre o ralo do Mediterrâneo. Não fora o sacrifício de Bubu (Márcia Cardoso), comandante do exército real...

Com 22 actores em palco, 16 músicos no fosso da orquestra, um cenário elaborado e o habilidoso desenho de luz de José Álvaro Correia, o encenador joga os elementos cénicos como um virtuoso malabarista, usando o seu texto como suporte de um espectáculo voluptuoso, onde não cabe uma ponta de nacionalismo, mas onde se encontra um vislumbre distanciadamente livre e libertária dos tiques e das manias dos portugueses e dos seus deslumbramentos.

Rui Monteiro